

O SAPATO

Isabel Pereira Leite

Fotos de Jaime Neto Parra de O Sapato de Joana Vasconcelos (Exposição de Joana Vasconcelos no Palácio de Versalhes, Paris 2012)



Se me apetecer, eu vou.

Vou para longe. Mas só porque do longe se faz perto.

Ou então vou só ali ao lado, à loja onde sei que há aqueles galhos bonitos, cheios de flores de algodão.

Posso até nem sair de casa; mas ir, eu vou.

E se não for eu, vai a minha cabeça. Vai a minha imaginação e, atrás dela, se calhar, o meu coração.

Posso explicar, porque me acontece muito sonhar acordada, o que é como ir ali e vir já.

Sabe-me muito bem ir ali. Às vezes, o que não me sabe tão bem é ter de vir já.

O tempo é uma coisa chata. Não sei quem é que o inventou. Alguém que não tinha que fazer, com certeza. Ao inventá-lo, tão depressa o fez, como logo se encarregou de o tirar a toda a gente. Já percebi que é por isso que todos os que se acham civilizados passam a vida a correr, de um lado para o outro. Até dormem a correr...

Mesmo assim, enquanto dormem, acontece tanta coisa!

As estrelas-do-mar avançam para a praia, sem receio, porque não há ninguém por perto. E começam, pela milésima vez, a ensaiar uma coreografia inventada há tempos imemoriais que, de vez em quando, novas gerações de estrelas resgatam.

As flores das magnólias crescem nos ramos e preparam-se, durante a noite, para receber a luz do dia. E tantos são os seus cambiantes.

Debaixo de certos beirais há ninhos. Pássaros minúsculos vão espreitando, mirando o espaço em volta. Contudo, não podem, ainda, voar...

Tudo enquanto se dorme.

Ah, mas ontem, enquanto dormia, algo de muito estranho me aconteceu. Não subi à estratosfera, nem descii às entranhas da Terra. Apenas, sem saber como, dei comigo em Versailles, na Galeria dos Espelhos, encaixada num dos sapatos de Marilyn, dentro de uma daquelas painéis de aço brilhantes de que são feitos.

Como é que tal me foi acontecer? Sei lá! Nem a própria Joana Vasconcelos, provavelmente, teria resposta. O facto, porém, é que lá estava eu, escondida entre todo aquele aço inoxidável, a ver e a ouvir o que se passava à minha volta.

Famílias inteiras, entre exclamações constantes e olhos desmesuradamente abertos, vão passando. Um guia explica que relação há entre Joana, Marilyn, a Montespan e as mulheres que usam sapatos de salto alto no s. XXI.



Mas eis que surgem três adolescentes que se aproximam. Demasiado, talvez. Estão fascinadas. Porquê? Será o brilho do aço polido? O tamanho descomunal dos sapatos? A originalidade artística? Por que lhes brilham tanto os olhos?

Oiço uma delas: “Lembras-te da Alice, naquele livro? Achas que era possível enfiarmo-nos pelos saltos abaixo? Onde é que iríamos ter? Quem é que encontraríamos lá em baixo?”

Brilhante, pensei eu. Que ideia fantástica! Mas como é que hão-de fazer? Há seguranças por todo o lado. E gente. Tanta gente...

Uma delas abre a mochila e retira um frasquinho: “Vá, bebam!”, diz às outras, depois de ela própria ter engolido uma pequena porção de um líquido cor de arco-íris. Credo! Parecem formigas. O que é isto? “Ei! Estou aqui! Reparem! Ei!” Não me ouvem, atarefadas a subir pelo sapato acima. Mas uma olha para trás e assusta-se. “Não, não tenham medo! Não lhes vou fazer mal. Por favor, deixem-me ir convosco. Estou aqui toda torcida. Mal me posso mexer. Sinto câibras por todo o lado!” Entrelham-se. “Quem és tu? Como é que apareceste aqui?” “Não sei. Só me lembro de ter adormecido...” “Bem, não há tempo a perder. Toma. Bebe lá. Basta um nadinha.”

Pronto! Aí vamos nós. Quatro lilliputianas em direcção ao topo do sapato. Há que ter cuidado ao desviar o testro que tapa a entrada para o salto. “Vamos lá. As quatro ao mesmo tempo. Vamos dar as mãos e atirar-nos por aqui abaixo. Um, dois, três! Muito bem! De cabeça.”

Cabeça?! Mas o que é isto? Que som horrível é este? Não pára! Não se cala! Ó meu Deus! Vem do lado esquerdo. Parece que, de repente, tudo mudou. Acordei. Sim, foi isso. Foi o despertador que me acordou.

O sapato? A fantástica descida pelo salto abaixo? Ah, foi enquanto fui ali. Pelos vistos, agora estou aqui. Vim foi depressa demais...